

Rio Encena: 'A Outra Casa' encena dramaturgo inédito no Brasil com sensibilidade ímpar

15 de maio de 2016 às 11:10

Péricles Vanzella

Em cartaz no Teatro Candido Mendes, em Ipanema, [“A Outra Casa”](#), do dramaturgo Sharr White e tradução de Diego Teza, tem bela direção de Manoel Prazeres e provoca o espectador com sua descontinuidade.

Como personagem principal, a médica Juliana Smithton, pesquisadora de uma patologia; após um tempo, ela é diagnosticada com esta mesma patologia. A doença, a tomada de consciência de Juliana de que é uma de suas vítimas, e a história da peça, evoluem paralelamente. Como em “Édipo Rei”, acompanhar o processo de reconhecimento do protagonista ao mesmo tempo em que o enredo se delinea já é em si uma experiência considerável. Mas “A Outra Casa” não se contenta com isso.

A trama é inteiramente fragmentada. Presente, passado e futuro intercalam-se com cenas que se passam exclusivamente na cabeça de Juliana. É como se pudéssemos juntar (já que hoje estamos fazendo analogias... rs) “Amnésia” (2001), de Christopher Nolan, e “Cisne Negro” (2011), de Darren Aronofsky, em um filme só. Uma aula de dramaturgia.

O cenário de Doris Rollemberg fornece ao espaço cênico a possibilidade de projeções, (na maioria das vezes de uma palestra proferida pela protagonista), mais uma camada temporal e espacial ao quebra-cabeça.

Os figurinos de Leticia Ponzi, assim como as atuações, são realistas. Contextualizam bem as diferentes cenas e ambientes sem a necessidade de grandes recursos ou trocas de roupa.

Helena Varvaki transita muito bem na linha tênue entre a segurança da cientista e a suspensão da mulher acometida pelos sintomas de uma doença que a tira dos paradigmas da realidade. Indignação, incompreensão, ansiedade, negação, está tudo ali – culminando em uma das últimas cenas, onde parece encontrar uma maneira de conviver pacificamente com sua condição.

Marcos França faz o contraponto no difícil papel do marido apaixonado e atencioso, reduto da realidade para a esposa. O ator também traz, com clareza e muita sensibilidade, a indignação (diferente de Juliana), preocupação, revolta, impotência... Excelente trabalho!

Gabriela Munhoz se encarrega de vários personagens, convivências menos íntimas de Juliana – logo, sempre possuem algum grau de estranheza, incompreensão, impaciência, etc. Por mais que esta estranheza perpassa todos os personagens, vemos elementos específicos em cada um. Destaque para sua última personagem, a moradora atual da antiga residência de Juliana. Já Daniel Orlean tem participação pequena para análise.

Manoel Prazeres não temeu o simples, e assim deu relevo ao ótimo texto de Sharr White. A cena em que Juliana vai à sua antiga casa e encontra a atual moradora, por si só envolta em problemas e carências, é memorável, e se passa em um espaço vazio, com duas atrizes deitadas, comendo.

Um abraço e até a próxima!

Dúvidas, críticas, elogios ou sugestões, envie para pericles.vanzella@rioencena.com.br.